ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 14 DE FEVEREIRO DE 1904 — N.º 1:035 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 236

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

VERDADES

No comicio republicano, realisado domingo ultimo no Porto, disse um orador, segundo vemos da resenha feita pelo *Norte*, que protestava contra aquelles pensadores e philosophos que consideravam este povo um povo perdido.

«O povo portuguez não está morto. Não communga em taes idéas. Mas é ao partido republicano que cumpre transformar esse cidadão abatido para não desapparecer como a nação.»

Ora muito bem. Nós damos palmas.

Não sabemos se o illustre orador disse o que sentia. Ha muito quem entenda que deve dizer essas coisas sem as sentir. Em todo o caso disse uma verdade.

O povo portuguez não é um povo perdido. Quem escreve estas linhas sustenta ha muito essa these, e não só no *Povo de Aveiro*. E' um povo abatido e muito mal educado. Toda a gente sabe, conhece, sente em si propria a influencia da boa educação. O que succede com os individuos, succede com as nações. Portugal é uma nação pessimamente educada, e d'ahi vem tudo.

Fez-se em volta de nós uma atmosphera terrivel. Respiramos um ar mortifero, que se exhala dos nossos vicios, dos nossos erros, dos nossos preconceitos, das nossas abominaveis convenções. E' indispensavel reagir contra isso, reagir a valer e reagir quanto antes.

Virá d'ahi a salvação? Deve vir. Mas quando não venha, nem por isso temos menor obrigação de experimentar.

Disse o illustre orador que pertence ao partido republicano esse encargo. Sem duvida. Para que o partido republicano, todavia, o possa cumprir, é indispensavel que proceda com mais alguma habilidade do que aquella com que tem procedido até hoje.

Isto dicto á boa paz, sem pretenções a padre mestre, nem desejos de levantar difficuldades ou attrictos. Chegámos a ter medo de falar e é esse um dos grandes defeitos d'esta terra. Em Portugal ninguem fala. Ensinou-se o portuguez, desde pequenino, a não falar alto, a não ter opiniões, ou a cala-las, se as tem, a transigir com tudo e com todos, e o portuguez ficou escravo d'isso até á morte. Não fala. A's vezes guincha, estrebucha, gesticula desordenadamente, desvaira. Falar de fórma que se ouça bem, sereno no seu direito de homem, com a energia da razão, com a força da verdade, com o som vibrante e sonoro da justiça, isso, em regra, não o faz.

E se o faz todos extranham, por isso mesmo que constitue uma excepção. Nós que o digâmos. Tentámos um pouco isso, no limite acanhado dos nossos recursos, e cahiu-nos tudo em cima. Agora—vamos lá!—já nos toleram mais. Acostumaram-se um pouco a ouvir-nos. E' um progresso, que merece registar-se.

Mas, como iamos dizendo, pertencendo ao partido republicano, incontestavelmente, como se affirmou, e muito bem, no comicio do Porto, o encargo de moralisar, de regenerar, de levantar este povo abatido, é indispensavel que o partido republicano, se o quer cumprir, siga melhores rumos do que tem seguido até hoje.

E por emquanto não os segue, diga-se a verdade toda.

Ainda na quarta feira ultima o sr. João Chagas se queixava, no *Primeiro de Janeiro*, a proposito da consagração d'aquillo que, segundo o sr. Chagas, já se convencionou chamar *a gloriosa jornada de janeiro*, de que o partido republicano *sepulte os vivos* quando exalta os mortos.

Tem razão.

Nós não somos dos que chamam ao 31 de janeiro a *gloriosa jornada de janeiro*. Pelo contrario, nós chamámos-lhe, e chamâmos-lhe sempre, o maior desastre do partido republicano portuguez. Não que os acontecimentos não reclamassem uma revolução, e que ella não fosse justa e opportuna n'aquelle momento. Mas, precisamente, porque não houve revolução, e porque aquillo que surgiu impediu, talvez, que a houvesse. O que appareceu foi uma coisa que demonstrou uma incapacidade de tal ordem que não dá lustre nem gloria a ninguem. D'esse formidavel pontapé tem soffrido, e continuará soffrendo, o partido republicano portuguez.

Mas o sr. João Chagas tem razão. As nossas opiniões sobre o 31 de janeiro não impedem que consideremos justa, e devida, a homenagem áquelles que se sacrificaram, bem ou mal, pela causa republicana.

Não se sacrificaram, porém, os vivos, como se sacrificaram os mortos?

Pois esquecem os vivos aquelles que dispendem rhetorica á farta com a *gloriosa jornada de janeiro?*

A observação que o sr. João Chagas — legitimamente melindrado — faz agora em publico, fizemo-la a nós proprio logo que lêmos nos periodicos os extractos das sessões realisadas em honra do 31 de janeiro.

Como? Pois os republicanos, que andam de braço dado com o sr. Fuschini, lançam ao ostracismo alguns d'aquelles que, com mais ou menos tino ou fortuna, o que agora pouco importa, trabalharam e soffreram pela causa da republica?

Pois a *Vanguarda* chama *vestal*, ou coisa equivalente, e o *Mundo* transcreve, ao sr. Dantas Baracho, e o sr. João Chagas e outros são *sepultados em vida*, como, logicamente, o sr. Chagas escreve?

Mais justiça. E mais juizo.

O partido republicano, entre outros defeitos, teve sempre o de olvidar os seus homens de maiores serviços e de mais incontestado talento. Ora isso seria sempre uma injustiça. Quando se poupam os apostatas, quando se elevam ás nuvens aquelles que, como o sr. Baracho, não teem direito a isso da parte da imprensa republicana, por varias virtudes que o sr. Baracho possua, e quando se dobra a espinha deante do sr. Fuschini, n'um servilismo que tem o seu quê de irritante, é mais do que uma injustiça, é uma punhalada traiçoeira que não se perdôa.

Querem ser catões? Sejam-no com todos.

Se algum d'esses republicanos, que já obtiveram, como escreve o sr. Chagas, o *esquecimento dos tumulos*, tem fraquezas, não as teem menores outros que são *festejados e queridos*, e sempre merece mais condescendencia, em qualquer caso, do que aquelles que ainda não prestaram á causa republicana serviço algum.

Mas querem ser catões? Pois sejam. Mas então, repetimos, sejam-no com todos.

Não moralisam, não regeneram, não educam d'esse modo. Não é assim que ha de resuscitar o lazaro.

Felizmente, parece que esta verdade vae entrando no espirito de muitos.

«O POVO DE AVEIRO»

Aos nossos estimados collegas *Diario da Tarde, Soberania do Povo, Nove de Julho, Jornal de Abrantes, Democracia do Sul, A Voz da Justiça, O Constructor Civil, O Trabalho, Semana Alcobacense, O Povo de Guimarães* e *Os Successos* agradecemos as felicitações e as palavras amaveis que nos dirigem a proposito do nosso anniversario.

Fallecimento

Falleceu no Porto o sr. dr. Francisco Augusto de Gouveia Osorio, dignissimo juiz da Relação d'aquella cidade, a cujo espirito liberal o *Povo de Aveiro* presta a mais sincera homenagem, pois foi um dos tres juizes que absolveram este periodico quando querelado pelo ministerio publico por offensas á religião do Estado.

Era cunhado do sr. Francisco Manuel Conceiro da Costa e tio da esposa do sr. Manuel Marques d'Almeida Bastos, aos quaes enviamos os nossos pesames.

A DEMOCRACIA E O EXERCITO

O correspondente d'um diario republicano escrevia ha dias: *abaixo a caserna e a sua aviltadora e irracional disciplina.*

Mas que substituir á caserna e á sua *aviltadora e irracional disciplina?*

Eis o caso.

Sem proposito nenhum, absolutamente nenhum, de censurar ou melindrar ninguem, diremos que é tempo de nós todos, republicanos, fazermos politica nacional, politica de governo, politica subordinada ás circumstancias, porque isso não nos impede de fazermos, ao mesmo tempo, politica rasgadamente democratica.

Com esse grito: *abaixo a caserna e a sua aviltadora e irracional disciplina*, não se consegue senão isto: indispôr profundamente contra o partido republicano uma classe poderosa, aquella á qual se vae pedir auxilio quando se pretende fazer uma revolução. A caserna fica. Fica a sua *aviltadora e irracional disciplina*. E fica, a mais, o descontentamento ou a irritação do exercito.

Eis o que se consegue.

Esse grito vem de fóra, como todos. Mas lá fóra as circumstancias são diversas. Lá fóra, na França, na Allemanha, a nação está preparada para substituir o exercito permanente por uma milicia democratica. Lá fóra, o despotismo militar é muito mais intenso, mais extenso e mais perigoso do que em Portugal. Lá fóra, onde todos são soldados, esse grito produz effeito nas casernas.

Comprehende-se, pois, e justifica-se.

Em Portugal não se justifica, e só se comprehende como uma influencia da propaganda do radicalismo extrangeiro. Mas ai de nós, se não passamos de imitar, e de repetir, a torto e a direito, tudo quanto se faz e tudo quanto se diz por esse mundo fóra.

Não póde ser, muito menos agora que o partido republicano se quer constituir como um partido de governo.

A caserna tem defeitos, muitos defeitos. Mas não são os defeitos do chefe exigir o respeito que lhe é devido por um subordinado. Julgam por ventura, aquelles que gritam *abaixo a caserna*, que nos exercitos de milicias, nos exercitos democraticos como o da Suissa, póde o soldado, impunemente, insultar ou desrespeitar o chefe? Julgam que n'esses exercitos não ha disciplina? Julgam que essa disciplina não assenta, como a disciplina dos exercitos permanentes, na obediencia passiva?

Teem muito mais disciplina do que o exercito portuguez. Fiquem com essa certeza absoluta, que lh'o diz quem possue conhecimento directo e proprio do assumpto.

O caso de Lisboa, que deu logar a que o correspondente do diario republicano exclamasse: *abaixo a caserna e a sua aviltadora e irracional disciplina*, não se passou, ao que parece, como primeiramente se mencionou. O official foi offendido com dichotes, partidos d'um grupo onde estava o 1.º sargento. E, não obstante, annuiu a retirar a parte, quando o 1.º sargento lh'o soliciton.

Pergunta-se: um paizano gostava de ouvir dichotes, fosse de quem fosse?

Pelo contrario, são tão susceptiveis que se queixam da falta mais insignificante commettida para com elles pelos militares. Nos quarteis é vulgarissimo apparecerem queixas de paizanos contra soldados, ou cornetas, que os desrespeitam. Os *cidadãos* não perdoam. Estão sempre promptos a queixar-se. Mas pretendem, ao mesmo tempo, que os superiores, os profissionaes, sejam sempre magnanimos com os inferiores. Ou esses superiores perdoam tudo, elles, para os quaes a falta de respeito representa muito mais do que um mero aggravo pessoal, ou os *cidadãos* lhes saltam em cima, exigindo lhes aquillo que os *cidadãos*, pelo seu lado, não praticam nunca.

Ora valha-nos Deus, com tanta insensatez.

Seria magnifico que não fossem precisos exercitos, nem auctoridades, nem leis; que os homens se governassem todos de egual para egual, por um accordo mutuo fundado na razão. Magnifico. Mas ainda não chegámos lá, nem se sabe quando chegaremos, ou se viremos a chegar.

A haver exercitos, são mais convenientes, por muitos titulos, os exercitos de milicias do que os exercitos permanentes. Mas para haver exercitos de milicias devemos fazer coisa melhor e mais pratica do que gritar: *abaixo a caserna e a sua aviltadora e irracional disciplina.*

Não queremos dizer com isto que se não condemnem e se não combatam os abusos da caserna. Esses abusos existem, mesmo em Portugal. Não existem em tão larga escala e em grau tão odioso como lá fóra. Mas, emfim, tambem os temos, e de caracter grave, algumas vezes.

Tratem de os combater. Tratem de os condemnar. Ao mesmo tempo, façam larga propaganda em favor da instrucção militar de todos os portuguezes.

Já trataram d'isso? Já fizeram essa propaganda?

Não. Se alguem relatar abusos, não os denunciam—e nós bem o sabemos!—porque isso acarreta responsabilidades e ninguem está para se incommodar. Ha ahi uma lei, chamada do *tiro nacional*, que dá a todos os portuguezes a faculdade de adquirirem completa instrucção militar. Os que gritam *abaixo a caserna* já foram receber essa instrucção? Já se aproveitaram d'essa lei?

Não. Não quizeram saber de coisa nenhuma. Limitaram-se—e esses mesmos são poucquissimos—a fazer, nas carreiras militares, uns tiros de espingarda. A lei jaz no mais completo abandono. Os jornaes republicanos, na sua quasi totalidade, nem sabem que existe tal lei, ou, se sabem, por alto, da sua existencia, ignoram o que ella contém, ignoram o que ella diz. Por isso mesmo não fazem em volta d'ella a patriotica propaganda que as suas vantagens reclamam.

Ora emquanto procederem as-

sim, deixem a caserna em paz e o militarismo tranquillo.

Quem aspira a governar povos, ha de dar provas de juizo. Primeira condição para se impôr.

E nós, os republicanos, não somos muito ajuizados se clamarmos contra a caserna, sem sabermos, nem querermos, substitui-la.

Mais vale um passaro na mão, que dois a voar.

Mal por mal, antes a caserna, com todos os seus defeitos, do que coisa nenhuma.

A não ser que com balas de papel, explosões de rhetorica, e pyrothechnia d'estylo, se tome o passo ao inimigo.

PROPOSTAS DE FAZENDA

O «Povo de Aveiro» adhere á todos os protestos realisados, ou que venham a realisar-se, contra as propostas de fazenda.

Não temos hoje espaço para tratar d'esse assumpto. O nosso estimado correspondente do Porto, porém, refere-se n'outra parte ao comicio realisado n'aquella cidade, comicio que mereceu toda a nossa sympathia, fazendo nossas as palavras n'elle proferidas e as conclusões n'elle votadas.

Egualmente nos associamos, com o mais caloroso apoio, ás resoluções que, no mesmo sentido, serão hoje tomadas no comicio que deve realisar-se em Lisboa.

LUIZ DE MAGALHÃES

Na papeleta ignobil,—tudo quanto ha de mais réles na imprensa portugueza—que é orgão do franquismo em Aveiro, manda-nos dizer o sr. Luiz de Magalhães, ou auctorisa que se diga em seu nome, pelo menos, que não está em desaccordo com as idéas de seu pae, porque seu pae declarou na camara, em 5 d'Abril de 1837, que não era republicano.

E como seu pae não era republicano em 1837, sendo, comtudo, um ardente democrata, entende o sr. Luiz de Magalhães que póde ser em 1904, ou **sessenta e sete annos depois**, partidario acerrimo, *com a benção de seu pae*, do homem que commetteu contra a liberdade os attentados mais odiosos e infames.

O sr. Luiz de Magalhães só póde pretender, com isso, que o considerem um verdadeiro paspalhão e que toda a gente acabe por nem sequer o discutir. E' isso que pretende? Pois olhe, para nós é escusado.

Ha muito tempo que nós o consideramos d'esse modo. Ha muito tempo que reconhecemos que *sua excellencia* é um dos melhores exemplares d'essa vacuidade de cerebro que caracterisa a decadencia nacional.

A excellencia é capaz de fazer um discurso, depois de o estudar com a tenacidade bruta com que um padre d'aldeia estuda um sermão. A excellencia é capaz de escrever um artigo de jornal depois de trazer, durante uma semana, pelo menos, um papelinho no bolso, para ir apontando dia a dia, hora a hora, as palavras que lhe forem occorrendo. A excellencia é capaz de escrever um livro de versos depois de ter suado, á procura da rima, meio cento de camisas, n'um esforço titanico, que nenhum britador de calçada ou trabalhador de minas é susceptivel d'egualar, e isso mesmo, roubando verso aqui e verso além. Mas o que a excellencia não póde é ter uma idéa, um pensamento, um rasgo d'iniciativa ou de espontaneidade.

A excellencia é o typo perfeito da esterilidade portugueza. Não dá nada. Secco, mirrado, como terra por onde haja passado o fogo do Senhor. Cavem-lhe fundo no cerebro, deitem-lhe para dentro adubos chimicos ás carradas, e nada.

Pois não veem? Pois esse homem, se não fosse tolo, iria declarar em publico que se *orgulha de seguir a politica de seu pae, seguindo a politica de João Franco*, e que a *alma de seu pae abençoa essa torpeza*, que se convencionou chamar o franquismo?

E' poeta? E' orador? E' prosador? Faz arranjos de versos e de phrases, com mais ou menos arte? Nem por isso deixa de ser tolo. Tolo antes de tudo e acima de tudo. Pinta carneirinhos com modelo d'estampa. Desenha retratinhos á penna. Artista sem horisonte, sem alma, sem largueza, sem inspiração. Sem escola. Nem escola, ao menos.

Poeta? Prosador? Orador? Tolo, antes de tudo e acima de tudo, se nos dão licença. Como quasi toda essa cambada, que tem a audacia de se constituir em classe dos *intellectuaes*.

Pois não é tolo um homem que diz, que consente que se diga, que está d'accordo em que se diga, que póde ser *inimigo de todas as liberdades* pelo facto de seu pae *ter declarado que não era republicano?*

Quem lhe disse, aqui ou algures, que seu pae era republicano? Que importa que seu pae, em 1837, não fosse republicano? Seu pae não o era nem o podia ser. Seu pae era um homem do seu tempo. O tempo em que elle viveu não permittia republicanos. Permittia o que elle era: monarchico, mas sinceramente liberal. Monarchico d'uma monarchia aberta a todos os progressos, d'uma monarchia que elle sonhava, d'uma monarchia que permittisse, sem difficuldades, a marcha ovante da civilisação. D'uma monarchia progressiva, evolutiva, civilisadora.

O que seria elle hoje, se vivesse? Ou republicano, ou traidor. Ou havia de passar sob as forcas caudinas, renegando o seu passado, as suas tradicções, os seus principios, elle que intrepidamente recorria á revolução sempre que perigava a liberdade, ou havia de reconhecer que a monarchia era incompativel com os verdadeiros principios liberaes, com aquelles que elle professava cheio de enthusiasmo e vigor, com aquelles que elle defendeu na tribuna, na imprensa e nas ruas. Havia de reconhecelo, como o reconheceram Latino Coelho, Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Bernardino Pinheiro, Bernardino Machado e tantos outros, que disséram, como José Estevão, *que não eram republicanos*, que procuraram, como José Estevão, harmonisar a democracia com a monarchia, para cahirem por fim, desilludidos, no campo da republica. O mesmo onde teria cahido o grande tribuno, se vivesse, porque José Estevão demonstrou toda a sua vida quanto era coherente e quanto era sincero. E só não sendo coherente, nem sincero, nem digno, acceitaria a monarchia dos nossos dias, a monarchia de João Franco, a monarchia inimiga da liberdade e do progresso, essa monarchia cem vezes inferior áquella contra a qual, por mais do que uma vez, com as armas na mão se revoltou.

Que não está em desaccordo com seu pae porque seu pae declarou *que não era republicano!* Que imbecil! Não declarou Bernardino Machado tantas vezes, hontem ainda, por assim dizer, *que não era republicano?* E isso impediu, por ventura, que viesse a se-lo?

Não foi Bernardino Machado ministro da corôa? Não foi Latino Coelho ministro da corôa?

Se Latino Coelho e Bernardino Machado não eram mais democratas, dentro da monarchia, do que José Estevão, nem mais sinceros, nem mais enthusiastas pela causa liberal, nem mais dignos, porque não havia de ser José Estevão, que tinha tantas tradicções revolucionarias ligadas ao seu nome hoje republicano, se vivesse, como Latino Coelho, Bernardino Machado e outros? Havia de sê-lo, necessariamente. Com muito mais razão do que esses, porque, repetimos, não sendo menos digno, nem menos sincero, tinha as tradicções revolucionarias que nenhum d'esses possue, ou possuia.

O sr. Luiz de Magalhães não é já uma affronta. O sr. Luiz de Magalhães, com tantos dislates, o sr. Luiz de Magalhães, a considerar a *formula politica de João Franco a formula politica de José Estevão*—e a gazeta immunda do franquismo local não faz mais do que synthetisar d'essa fórma o pensamento expresso nos brindes do auctor do *D. Sebastião*—o sr. Luiz de Magalhães, com tudo isso, é simplesmente tolo.

Tolo ainda na pretenção de que tem muitas sympathias em Aveiro.

Não. Não se engane. Aveiro, que é uma terra geralmente intelligente, póde sympathisar com todo o mundo, menos com tolos.

Se quizer, guarde as sympathias dos asnos. Tambem os ha por cá. Em minoria, felizmente. Guarde a sympathia dos asnos e proceda em nome d'ella.

A sympathia de Aveiro, não. Aveiro, onde o senhor, felizmente, não viveu, detesta-o, aborrece-o, por isso mesmo que admira e ama seu pae.

Quem tem veneração por José Estevão tem o mais absoluto desdem pelo filho de José Estevão.

E fique-se com esta.

DESASTRE

Quando hontem entrava para o lyceu d'esta cidade o rev.º *Frei Chiça Bandalho do Carmo Costas de Cortiça e Lambejantares*, foi acommettido de tal maneira por uma vertigem que o fez dar com a cancerosa ossadura em terra.

Não dizemos bem; não foi tal em terra, foi em cima dos degraus de pedra da entrada do edificio, ficando sua rev.ma completamente abandalhado, e cheio de lama até á *estampilha* que tem no alto da mioleira.

Soccorrido de prompto, passou-lhe a coisa, depois d'umas borrifadellas d'agua fria na tromba e nas mais partes *correlativas*.

Mas não faltaram sustos, não. Não faltou quem julgasse que o diabo sempre o levaria d'esta para melhor.

Cartas d'Algures

12 DE FEVEREIRO.

Rebentou a guerra. E os seus apologistas aproveitam a occasião para proclamar de novo que os interesses da humanidade não se concretisam na paz. E arremessam ironias ao imperador da Russia, que foi, como se sabe, o inspirador da celebre circular de Mouraview, o chanceller do imperio.

Não sabemos se o czar foi ou não sincero nas suas tentivas de desarmamento universal. Mas fosse ou não fosse, a verdade é que a guerra actual não prova de modo algum que os recursos violentos sejam indispensaveis á civilisação. Só o póde affirmar um espirito futil, e são d'esses que partem sempre as affirmações absolutas.

O czar não seria sincero. Nem por isso deixou de se libertar, em grande parte, das responsabilidades que lhe possam caber nas circumstancias actuaes. Em todo o tempo poderá dizer: «Eu tentei a paz. Foram os outros que a não quizeram.» E assim é.

Em 23 de junho de 1899 propunha o coronel Gilinski, em nome da Russia, na conferencia reunida em Haya, que as *potencias se compromettessem a não augmentar durante cinco annos os seus effectivos e os seus orçamentos militares*. Era um grande passo dado no caminho da paz. A Allemanha, porém, pela bocca do seu representante, o coronel Schwarzhoff, combateu essa proposta. E desde que a Allemanha, paiz militar por excellencia, se negava a tomar o compromisso de não augmentar os seus armamentos, todas as tentativas no sentido do desarmamento se mallogravam de todo.

A responsabilidade não pertence, pois, á Russia, fosse qual fosse o grau de sinceridade do czar. Pretender que a Russia, pelo facto de ter tomado a iniciativa dos desarmamentos, ficasse para sempre á mercê dos outros, de braços cruzados perante o mundo, é uma estupidez ou um acto de má fé.

A Inglaterra apoderou-se do Egypto. A França apoderou-se do Tonkin e de Tunis. Os Estados Unidos apoderaram-se das Filippinas. Com que direito se revoltam agora contra a Russia porque se apodera da Mandechuria? A razão que assistia á Inglaterra, o mais ambicioso de todos os paizes, é a razão que assiste á Russia.

A iniciativa do desarmamento não devia ter partido da Russia, paiz despotico, e atrazado em civilisação. Devia ter partido dos paizes parlamentares, dos paizes democratas, dos paizes livres, da Inglaterra, da França, da Allemanha ou da Italia. Pois não só não partiu d'estes, como foram estes, salvo a França, os que inutilisaram a grandiosa tentativa do czar.

Não ha, pois, motivo para que censuremos a Russia, principalmente se notarmos, olhando para a historia, que sendo esse paiz um verdadeiro colosso é dos menos bellicosos do mundo.

Concluir, pela circumstancia de ter rebentado uma nova guerra, que o ideal de paz está cada vez mais afastado, é outra demonstração de insensatez, de má fé ou de ignorancia.

A civilisação começou hontem, póde-se dizer. Chegar ao fim em tão pouco tempo, seria caminhar muito depressa. Não. Está longe ainda esse grande desideratum da paz universal. Não affirmâmos, mesmo, que elle venha a ser uma realidade, porque temos o senso necessario para não fazer, em factos de tal ordem, affirmações absolutas. Mas o que é incontestavel é que a guerra vae diminuindo. Mas não ha duvida que se tem avançado immenso no caminho da paz.

Foi Henrique IV, com Sully, quem abriu o periodo das tendencias pacificas na Europa moderna. O tratado de Westphalia, onde, pela primeira vez, se trata das garantias internacionaes das potencias, resultou da influencia das idéas de Henrique IV sobre a diplomacia franceza.

Por essa epocha apparecem os primeiros juristas em direito internacional. Hugo Grotius publica em 1624 o seu famoso tratado sobre o direito da paz e da guerra, *De jure belli et pacis*, no qual se refere ao *grande designio* de Sully aconselhando a constituição de federações christãs onde as divergencias e conflictos seriam submettidos a arbitros desinteressados e procurando o meio de assegurar a paz sobre bases equitativas e justas.

Outras obras, de menos importancia, acompanharam a de Grotius.

Em 1729 é o abbade de Saint Pierre que apparece com o seu notavel *Projecto de Paz Perpetua*. N'esse seculo são varios os escriptores que se pronunciam a favor da paz, sobresahindo Wattel, Bentham e Condorcet.

A assembleia legislativa declara em França, a 22 de maio de 1790, que «o povo francez renuncia para sempre a fazer a guerra com um fim de conquista e que nunca empregará as suas forças para violar a liberdade d'outra nação». A 13 de abril de 1793, apezar da França se vêr obrigada a emprehender guerras offensivas para salvaguardar a sua segurança sériamente ameaçada de todos os lados, a Convenção declara «que a França está amigavelmente disposta para com todas as nações que aspiram á liberdade, que não procura intrometter-se nos negocios d'outras potencias como não consentirá que ellas se intromettam nos seus.»

E' preciso notar-se que estas affirmações foram desmentidas na prática, mas desmentidas por Napoleão I e mais tarde por Napoleão III. Os republicanos francezes ficaram sempre fieis, pelo menos na Europa, a esses principios.

Byron, Gœthe, Schiller, Kant, tantos outros, são os portadores das idéas generosas da grande Revolução. Kant, sobretudo, exerce notavel influencia com as suas opiniões contra a guerra e com a sua nova maneira de encarar o direito internacional.

Nos principios do seculo XIX são os quakers inglezes e americanos os apostolos mais enthusiastas e activos da idéa de paz, que, devido a esses esforços, faz enormes progressos.

Cobden, o celebre campeão da liberdade de commercio, é, ao mesmo tempo, um inimigo activissimo da guerra.

Em 1815 publica o doutor Worcester, nos Estados-Unidos, as suas *Averiguações sobre a guerra*. Este livro exerce tamanha influencia no espirito publico que á noticia da horrivel matança de Waterloo formam-se numerosas sociedades de paz (*Peace-Societies*) em todos os territorios da America do Norte.

Em 1821 funda-se em Paris a *Sociedade das virtudes christãs*, que vinte annos mais tarde dá nascimento ao *Comité de paz*.

Em 1843 reune-se em Londres, em 1848 em Bruxellas, em 1849 em Paris, um congresso dos amigos da paz. O congresso de Paris é muito importante.

Foram inuteis todos estes esforços? De modo algum. Só um ignorante o poderá affirmar. D'elles resultou ser aberto o Danubio e o Mar Negro ao livre commercio universal, e ser assignado um tratado pelo qual trinta e duas nações da Europa e da America se compromettiam a perseguir os corsarios, a respeitar os direitos das marinhas neutras e mesmo as cargas neutras que fossem encontradas a bordo dos navios das nações beligerantes. D'elles resultou a convenção de Genebra, em 1864, pela qual se assegurou a neutralidade dos hospitaes militares, dos feridos e do pessoal

dos serviços sanitarios dos exercitos belligerantes.

A guerra adoçou-se, humanisou-se e diminuiu. Primeira grande conquista da propaganda feita contra a guerra.

Os amigos da paz continuaram na sua obra generosa. Em 1867 Frederico Passy funda em Paris a *Liga Internacional da Paz*. Em 1867 fundam os francezes em Genebra uma outra sociedade, de espirito democratico—*Liga internacional de paz e liberdade*, á qual pertencem Victor Hugo, Garibaldi, Carnot, Julio Favre, Littré, e muitos outros, e que reune successivos congressos em Genebra, Berne, Lauzanne e Bale.

Virchow propõe na camara prussiana o desarmamento geral.

Durante a exposição de 1878 reunem-se em Paris 15 *sociedades de paz* de differentes paizes, com o fim de organisarem a *Federação geral da paz*. Em 1891 novo congresso em Berne. Em 1893 outro em Chicago. Em 1894 outro em Anvers e assim seguidamente.

Perdeu-se o tempo? Não. A iniciativa do czar é outra consequencia d'essa tenaz propaganda. O congresso proposto por Nicolau II já não é recebido com o desdem com que foi recebido o de 1863, proposto por Napoleão III. E da conferencia realisada em Haya alguma coisa ficou.

Vae-se de vagar. Caminha-se lentamente. Mas caminha-se sempre. Sempre!

Não desanimem os amigos da paz. Não afrouxem com as *sentenças* dos pessimistas e dos ignorantes. A civilisação começou hontem. Que admira que não tenhamos ainda chegado ao fim?

De resto, e tratando agora particularmente do conflicto travado entre a Russia e o Japão, permitta-se nos que accentuemos um facto que demonstra tambem, eloquentemente, os effeitos da civilisação.

O Japão, que ha pouco mais de cincoenta annos estava ainda na barbarie, bate-se hoje com o colosso da Russia.

Será esmagado, talvez. Assim o suppomos. Mas o effeito da instrucção é tamanho, que um povo, ainda ha pouco mergulhado na barbarie, e pertencente a uma raça considerada inferior, espanta o mundo com os seus aperfeiçoamentos e progressos de toda a ordem.

Que olhem para aqui os *philosophos de borralho*, os pessimistas vulgares—não custa nada ser pessimista—que se riem com desdem d'aquelles que proclamam a instrucção como a primeira condição do levantamento das nações.

E sobre este ponto, importantissimo para Portugal, falaremos n'outra carta.

A. B.

CARTA DO PORTO

A população portuense dia a dia vae sahindo fóra da inercia em que jaz ha muito tempo e vae tomando parte activa na defeza dos seus direitos e na conquista dos seus ideaes.

Hontem era a grande acclamação ao illustre cathedratico e honestissimo caracter dr. Bernardino Machado; depois a grande e silenciosa manifestação—manifestação esta que se não fosse o grande sentimento que brota do coração difficilmente se faria—o desfile de mais de 40:000 pessoas deante do mausoleu que encerra os restos d'aquelles que comprehendendo o sacratissimo amor da Patria não trepidaram em depôr o regimen e libertal-a; hoje então temos esse grande comicio de protesto, promovido pelas commissões republicanas e realisado no salão da Porta do Sol, contra as iniquas propostas de fazenda, comicio que, apezar do dia agreste que estava, foi concorridissimo, assistindo a elle todos os cidadãos que desejam pôr entraves a mais um assalto á bolsa do contribuinte.

A presidencia foi assumida pelo dr. Nunes da Ponte, caracter immaculado e republicano sincero, que declarando a rasão porque o povo do Porto se reunia em comicio publico, condemnou com phrases amargas, mas justas, a marcha do nosso governo. Teve imagens brilhantes que causaram enthusiasmo em toda a assemblêa.

Foi dada a palavra ao dr. Antonio Luiz Gomes, para nós desconhecido, e que tinhamos curiosidade em ouvir fallar.

Não foi discurso, foi uma conferencia, mas toda cheia d'uma argumentação irrespondivel. Começou por dizer que fóra da Patria 9 annos, e amando sempre a sacratissima bandeira das quinas, estava de novo dentro d'ella e prompto para a defeza da sua Liberdade, com o mesmo enthusiasmo, com a mesma dedicação que tinha tido quando do infame *ultimatum* de 11 de janeiro. Depois começou a entrar a fundo sobre a questão financeira e ahi é que foi vêr a exhuberancia do seu talento. E' uma memoria modelo! Priveligiada!

Mostrou com toda a precisão o sorvedouro de que Portugal tem sido victima e atacou brilhantemente, eloquentemente, as 13—numero fatidico, como lhe chamou—propostas de fazenda.

O *Mexias do engrandecimento do poder real* ficou a escorrecer sangue!

Toda a assemblêa, ao finalisar o seu brilhante discurso, lhe fez uma ovação delirante.

Finda a manifestação, que foi longa, discursaram os srs. dr. Duarte Leite e Affonso Costa, cujos discursos por vezes interrompidos, foram acclamadissimos. O fogoso orador dr. Affonso Costa, apresentou uma moção, que foi approvada, cujo final era:

Impedir a approvação das propostas de fazenda pelos meios que forem opportunos, exercendo e demonstrando a vontade nacional fóra do parlamento, visto que n'este não tem o paiz representação alguma.

O sr. presidente encerrou o comicio, levantando se n'esta occasião muitos vivas.

Nota curiosa:

Ao principiar o comicio toda a assemblêa se descobriu, ficando unicamente coberto o chefe Annes, o que era indelicado. Porém, passados momentos subiu á tribuna o sr. major Arriscado, e, mais delicado, sem duvida, que o seu subordinado, descobriu-se. Foi uma licção bem boa que o chefe Annes apanhou, se a percebeu, o que nós duvidamos.

—— Sabbado foi a ultima conferencia sobre *Astronomia Popular* que o illustre lente da Academia, e nosso presado correligionario, dr. Duarte Leite, tem realisado na Universidade Livre, fundada pelo Comité Academico Operario. Sua ex.ª, que em todas as conferencias foi escutado por centenares de pessoas, terminou estas com uma soberba invocação á sciencia, mostrando que ella é a unica que derruba a cosmographia religiosa e que conduz a humanidade para o verdadeiro aperfeiçoamento.

No final a assemblêa applaudiu com uma unisona salva de palmas, que durou alguns minutos, as palavras do illustre conferente.

Alguns homens de talento, que se prestaram a collaborar n'essa obra tão util, como seja educar o povo, realisam todos os sabbados outras conferencias.

10—2—904.

A. M.

A nossa carteira

Estiveram a semana passada n'esta cidade os srs: dr. Abilio Gonçalves Marques e José Fernandes Mourão, digno administrador do concelho de Espinho.

*

Parte quarta-feira para Lisboa, afim de seguir para a Ilha de S. Miguel, o sr. Manuel Gonçalves de Pinho Novo, de Cacia, Quintã do Loureiro.

*

Passou no dia 11 o anniversario natalicio do sr. Henrique de Barros, conceituado negociante da Figueira da Foz.

Um arrôto do «Chiça»

Oito dias depois da retirada do dictador do Alcaide, d'esta cidade, o bigorrilhas do *Chiça* arrotava assim:

«Sim,—porque os miseraveis, *se* vinham para a rua, *se* ousavam levantar só um pio subversivo que fôsse, eram inevitavelmente *esgaçados e reduzidos a pó*».

E'n'a pae!!! A pó, terra, cinza e nada, devia accrescentar o bandalho do padreca á sua arrotadella de pescada.

Eras tu, meu miseravel, que o fazias? Ou seriam os *outros* a quem o nosso typographo tanto mêdo metteu na estação?

Serieis ainda, tu e *elles*, que impedirieis uma contra manifestação grandiosa, caso alguem a tentasse?

Sempre nos sahiu um palhaço de feira este réles sotaina...

E' o ultimo dos estafermos, este leproso animalejo...

«O Commercio do Porto»

Celebram-se brevemente as bôdas d'oiro d'este antigo representante da imprensa portuense, que está a entrar no seu cincoenta anno d'existencia. Querem os directores do «Commercio do Porto» realisar, por esta occasião, uma festa sympathica e resolveram abrir concurso para uma memoria em que mencionem os serviços que o jornalismo presta á civilisação em geral e tem prestado ao nosso paiz. As bases d'esse concurso são as seguintes:

1.º Até ao dia 1 de maio de 1904 serão enviados á direcção do «Commercio do Porto» os originaes das memorias ou communicações sobre os serviços que a imprensa presta, em geral e especialmente sobre os que tem prestado a Portugal; 2.º, essas memorias ou communicações serão entregues encerradas em enveloppe fechado e lacrado, tendo exteriormente uma legenda, a qual se repetirá em outro enveloppe fechado e lacrado, encerrando um cartão em que se declare o nome e morada do auctor. Sem a indicação do nome do auctor, não será conferido o premio, caso o obtenha; mas, se assim se desejar, será guardado sigillo sobre o nome, publicando-se apenas a legenda ou um pseudonymo; 3.º, as memorias ou communicações serão julgadas por um jury organisado pela direcção do «Commercio do Porto»; 4.º, á memoria classificada em primeiro logar, pelo espirito de observação que revele e pela elevação intellectual e moral que demonstre, será conferido o Premio de honra, que consiste em 200$000 reis e á classificada em segundo logar o Premio honorifico, que consiste em 50$000 reis; 5.º, a proclamação e concessão de esses premios far-se-ha por occasião da commemoração do jubileu do «Commercio do Porto»; 6.º, a memoria coroada com o Premio de honra será publicada a expensas do «Commercio do Porto» n'uma edição de 1:000 exemplares e ficará sendo propriedade da empreza do mesmo jornal. Ao auctor da memoria serão dados 100 exemplares do seu trabalho; 7.º, os originaes da memoria classificada em 2.º logar, bem como das restantes, serão restituidos aos respectivos auctores; 8.º, o jury e a direcção do «Commercio do Porto» abster-se-hão de conferir qualquer dos premios ou os dois, se no concurso não apparecerem trabalhos que julguem dignos do recompensa.

Ainda pelo mesmo motivo, abre o «Commercio do Porto» um concurso de antiguidade, sob estas bases:

1.º, será conferido premio de honra a quem fôr ininterruptamente assignante do «Commercio do Porto», desde a fundação do jornal; 2.º, será conferido segundo premio aos assignantes ininterruptos de 40 e mais annos; 3.º, as pessoas a quem possa competir premio, em harmonia com as tres condicções acima, deverão apresentar até ao dia 1 de maio de 1904, na direcção do «Commercio do Porto», o primitivo recibo da sna assignatura ou indicar o anno em que ella houver principiado, para se fazer a verificação; 4.º, se as indicações fornecidas não estiverem em harmonia com a escripturação da administração do «Commercio do Porto», perderá o reclamante o direito ao premio; 5.º, o premio de honra consiste na remessa gratuita do «Commercio do Porto», durante 3 annos; o 2.º premio consiste na remessa gratuita durante 6 mezes.

Palma Cavallão & C.ª
(SUCCESSORES)

Perguntam os biltres pela subscripção aberta no *Povo de Aveiro*, para se collocar no cemiterio publico uma lapide sobre a sepultura do infeliz Jeronymo Salgado.

Como não temos que dar satisfacção aos biltres, limitamo-nos a declarar que todas as contas da despeza, feita com os trabalhos realisados, estão, devidamente legalisadas, ás ordens de qualquer subscriptor que as queira examinar.

Bastará que se dirija, para isso, ao editor d'este jornal.

Não ha nada mais positivo. Estimaremos, até, que algum subscriptor as queira examinar, para vêr que gastámos do nosso bolso mais, e bem mais, do que a quantia subscripta.

Isto pelo que toca aos subscriptores de Aveiro. Pelo que toca aos subscriptores de fóra, declaramos que se algum pedir a publicação das contas immediatamente serão publicadas n'este semanario, o que não fazemos desde já porque seria indigno de nós dar satisfações a uns biltres que não concorreram com cinco reis para as despezas realisadas.

Os trabalhos não se concluiram por não ter chegado o dinheiro. Gastámos do nosso bolso mais do que a quantia subscripta. Não podiamos ir além.

Se, porém, algum livre pensador quizer concorrer para isso, não só acceitamos o encargo de terminar os trabalhos como, pelo nosso lado, concorreremos pecuniariamente com mais aquillo que podermos.

Esperamos que o cidadão Domingos José dos Santos Leite, que foi quem levou a auctoridade a enterrar o infeliz detraz da porta do cemiterio, accuda ao nosso appello.

Se não accudir, não teremos remedio senão contar o papel desempenhado por *sua excellencia*, e outros que foram membros da *liga liberal*, no incidente de que se trata.

E teremos muita pena em mostrar novamente o que *tem sido* o excellentissimo senhor Domingos Leite, e outros *liberaes* da mesma força.

Contem comnosco.

Dizem-nos que na ultima quinta-feira teve de soffrer uma operação bastante melindrosa, no estomago, um idiota de Verdemilho, que dá pelo nome de *Cabecinha*.

Segundo nos informam, este pobre diabo pôde introduzir-se debaixo da meza do almoço offerecido ao sr. João Franco, tomando tamanha indigestão de carne assada de mistura com alguns ossos que, na operação a que se procedeu, lhe encontraram ainda no estomago um osso que pesava approximadamente kilo e meio.

O culpado foi quem o deixou lá entrar.

Corre com insistencia que João Franco pensa em condecorar as primeiras pessôas que o cumprimentaram, respectivamente, nas estações das localidades onde foi com o *sol-e-dó & C.ª* em peregrinação *festiva-recreativa-estomacal*.

O feliz que em Aveiro receberá o premio será o valente cabo de forcados, João de Bairros, (o Carregosa). Foi elle o felisão que teve a dita de primeiro lhe dar um aperto de ossos.

Os chôchos foram para o *Chiça* e para o *Areias*.

Premios é que não sabemos se tambem receberão.

O ministro do Japão em Lisboa acaba de encarregar o vice-consul d'aquelle paiz n'esta cidade, de comprar ao importante proprietario, sr. João Marques da Cunha, o seu valente vapor de guerra e que actualmente se acha no *dique* do nosso arsenal.

E' possivel, porém, que a compra se não chegue a effectuar por o sr. Marques da Cunha ter pela causa russa a maxima sympathia, não desejando, por isso, contribuir para o aggravamento da situação d'aquelle poderoso e siberiano paiz.

Anda muito bem o sr. Cunha em ser russo, queremos dizer, em tomar o partido da Russia, porque nós, de *nascença*, tambem somos por todas as *russias*.

---

(38) **FOLHETIM**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XII

Historia de Antonio de Sá

Minha sogra me disse que, decorridos cinco annos, o marido escrevera desde S. Domingos a um amigo muito querido, que tinha em Portugal. A carta, porem, foi devolvida passados dias a Antonio de Sá, com a seguinte reflexão do governador-almirante: «Os escravos dos flibusteiros, se teimam em escrever cartas para Hespanha, correm o perigo de não poderem já lêr as respostas, quando ellas voltarem.»

Nunca mais Antonio de Sá escreveu ou tentou escrever para Portugal.

O medico ia enriquecendo com as liberalidades dos flibusteiros; porem, um dia, achou-se roubado, não obstante ser pouquissimo vulgar o latrocinio entre elles. Seria porque ao portuguez ou hespanhol o consideravam estranho á sua tribu, e como tal indigno de se gosar dos foros de lealdade, que uns com outros guardavam.

Minha mulher corria por este tempo nos seus dez annos. O pae consternava-se de a ver crear-se entre gente brutal, e rodeada de creaturas ignobeis do seu sexo, recenseadas nos lupanares de Paris e de Marselha, enviadas como presas ás colonias.

Antonio de Sá, aproveitando o laço de ter captivo o animo do governador, depois da cura de doença grave, pediu-lhe licença para enviar a filha a educar-se n'uma casa de religiosas francezas. O governador condescendeu, e enviou duas netas ao mesmo collegio, na primeira náo que saiu para França.

Meus sogros presumiam que lhe seria menos embaraçada a fuga, podendo passar a filha á Europa. Enganaram-se; por que Duparquet, arrependido da concessão, redobrou de vigilancia sobre os menores passos do seu medico.

XIII

Seguimento da historia

— Antonio de Sá—proseguiu Braz Luiz—foi chamado a curar de febres um judeu rico da Normandia, que se passara com grande companhia de hebreus pobres a fundar uma colonia na costa de S. Domingos, com licença do rei de França e beneplacito do governador. Meu sogro, cumulado de liberalidades do seu restabelecido enfermo, deu-se por bem pago da amizade do hebreu, a quem se revelou proscripto da nação fiel, e evidenciou sua origem, praticando com elle as ceremonias judaicas.

O colonisador estimava-o muitssimo. Animou-o a declarar-lhe o seu intento e pedir-lhe coadjuvação para a fuga. Não lhe encareceu o hebreu grandes difficuldades á boa sahida do plano; assegurou-lh'a facil, logo que, fundada e solificada a colonia, elle se fizesse na volta de França.

O medico, alentado de esperanças, aguardou anno e meio a almejada hora; todavia, mingou-lhe a necessaria prudencia, porque, sem grande recato, começou de longe a simplificar os valores que tinha, trocando-os por pedras preciosas e coisas de facil transporte.

Chegado o tempo sahida do opulento hebreu, conforme ao plano girado pelos dois, inventaram uma epidemia na colonia, e pediu-se ao governador a assistencia do medico hespanhol. Duparquet mandou conhecer da epidemia clandestinamente por um cirurgião francez, fugido das galés de Marselha, e foi certificado de que era imaginaria a contagião. Foi o hebreu normando chamado á Martinica, quando já Antonio de Sá se desconfiava de certos tregeitos que vira na má cara do governador. O judeu, porém, mais desconfiado ainda que o seu protegido, respondeu affirmativamente ao commissario de Duparquet, e em vez de velejar para Martinica, mandou aproar ás ribas normandas e accender os morrões para incutir respeito ás galés de flibusteiros ancoradas na costa.

(Continúa.)

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

—*—

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e extrangeiros

CEM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

—*—

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a *Bibliotheca Horas Romanticas* conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu *preço baratissimo.*

A *Bibliotheca Horas Romanticas* publicará de cada auctor, o *mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commodo e portatil. Abundantissima a leitura* de cada volume. A sua barateza inexcedivel.

E' nosso empenho conseguir que a *Bibliotheca Horas Romanticas* seja tão instructiva como deleitosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa *Bibliotheca* offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A *Bibliotheca Horas Romanticas* será uma *collecção preciosa de verdadeiras obras primas.*

VOLUMES PUBLICADOS

N.os 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkievicz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazarilho de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amoreira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7a e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado,» por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard—N.os 11 a 13—«A morte dos Deuses,» por Dmitry de Merejkowsky —N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras maldita», por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

ESTABELECIMENTO
DE MERCEARIA E FERRAGENS
—DE—
ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas licções da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e prático da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

—*—

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro,—242-1.º

LISBOA

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encommendas e «marés» de junco.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa
Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisêmos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encommenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedaes se responsabilisam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE
DO
SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimenação de todos os animaes.

TYPOGRAPHIA

—DO—

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

"Povo de Aveiro,,

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para selleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS